

*Land art e Educação Infantil:
Desterritorializando os espaços para além da sala de atividades*
Thais Martins do nascimento
Larissa Carvalho Cirele

Land art e Educação Infantil

Desterritorializando os espaços para além da sala de atividades

Resumo: O presente artigo objetiva analisar formas de ampliar o repertório artístico-cultural das crianças, estabelecendo relações entre artista e obra, rompendo com o ensino de arte tradicional e propondo linguagens e materiais contemporâneos para produzir e vivenciar a arte. Descreve uma experiência realizada em um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) localizado na cidade de Vitória — ES sobre a temática *Land Art* ao explorar a obra do artista Robert Smithson e sua *Spiral Jetty*. Discorre sobre o planejamento e a execução das atividades, realizadas com crianças entre 4 e 5 anos de idade, seguindo as características e as possibilidades disponíveis no âmbito físico e estrutural da escola, como também as pedagógicas. Dialoga com autores como Ostetto (2011), Larrosa (2002), Vigotsky (1995) e com a BNCC (2018). Finaliza, reafirmando a importância da arte vivenciada e experienciada para além dos espaços das salas de atividades na Educação Infantil.

Palavras-chave: Arte Contemporânea. Educação Infantil. Experiência. *Land Art*.

Land art and Early Childhood Education:

Deterritorializing spaces beyond the activity room

Abstract: This article aims to analyze ways to expand the cultural artistic repertoire of children, establishing relationships between artist and work, breaking with traditional art teaching and proposing contemporary languages and materials to produce and experience art. It describes an experience carried out in a Municipal Children's Education Center (CMEI) located in the city of Vitória - ES on the theme Land Art, exploring the work of artist Robert Smithson and his *Spiral Jetty*. It discusses the elaboration of the planning and execution of the activity plan carried out with children between 4 and 5 years of age, following the characteristics and possibilities available in the physical and structural scope of the school, as well as pedagogical. It dialogues with authors such as Ostetto (2011), Larrosa (2002), Vigotsky (1995) and BNCC (2018). It ends by reaffirming the importance of lived and experienced art beyond the spaces of the activity rooms in Kindergarten.

Keywords: Contemporary art. Child education. Experience. Land Art.

***Land art e Educação Infantil:
Desterritorializando os espaços para além da sala de atividades***

Thais Martins do nascimento

Larissa Carvalho Cirele

1 Introdução

A produção deste artigo surge durante a realização da disciplina de estágio supervisionado no ensino da Arte na Educação Infantil, que nos instigou a pensar as práticas pedagógicas nesse segmento da Educação Básica. Assim, nosso objetivo é analisar formas de ampliar o repertório artístico cultural das crianças, estabelecendo relações entre artista e obra, rompendo com o ensino de arte tradicional e propondo linguagens e materiais contemporâneos para produzir e vivenciar a arte.

Compreendemos que, para a ampliação do repertório artístico das crianças, é preciso experienciar as mais diversas linguagens artísticas. Essa ampliação também desbloqueia certas barreiras sociais e econômicas que já são pré-estabelecidas dentro do contexto social em que, geralmente, as crianças vivem. Propor ações pedagógicas acessíveis, que dialogam com os as práticas artísticas e do campo da arte, aproxima as crianças dos sistemas da arte.

A necessidade de trazer diferentes materiais de produção e do repertório imagético das crianças vem a partir de uma observação prévia de como as linguagens mais tradicionais, ainda hoje, estão presentes nas salas de atividades, criando assim a ideia de que apenas determinadas técnicas são consideradas linguagens artísticas importantes e aceitáveis. A intenção aqui não é desmerecer, diminuir ou descredibilizar as técnicas tradicionais, mas destacar que não existe a necessidade de se manter “preso” a um repertório apenas e que se pode trazer novas perspectivas e experiências para as crianças, apresentando-lhes experiências efêmeras, transitórias, principalmente, em um contexto social e econômico — como o do ensino público — em que, muitas vezes, não existe uma grande variedade de materiais disponíveis nem de espaços e ferramentas à disposição das/os professoras/es.

**Land art e Educação Infantil:
Desterritorializando os espaços para além da sala de atividades**

Thais Martins do nascimento

Larissa Carvalho Cirele

Nesse contexto, trouxemos como proposta pedagógica a *land art*¹, pois ela se destaca não só pelo fato de que o material utilizado para produção das obras, geralmente, é retirado da própria natureza, de forma orgânica, o que gera um custo baixo, ou nenhum, para sua produção, mas também por trazer a compreensão da importância da experiência e a discussão em relação à materialidade e à efemeridade.

Comumente na Educação Infantil e, conseqüentemente, nas aulas de arte, observamos a necessidade de um objeto final, duradouro e materializado, gerando um apagamento da perspectiva experimental da arte. Muitas vezes, a experiência na prática artística é esquecida pela necessidade de se obter um produto final, que, principalmente dentro do ambiente escolar, é supervalorizado. A criança precisa desenvolver algo em um curto prazo de tempo, sem ao menos ter a possibilidade de se permitir sentir e experimentar o que ela está produzindo.

Larrosa (2002) ressalta que a experiência tem se tornado cada vez mais rara e destaca que um dos motivos de isso acontecer é o tempo:

(...) a experiência é cada vez mais rara, por falta de tempo. Tudo o que se passa, passa demasiadamente depressa, cada vez mais depressa. E com isso se reduz o estímulo fugaz e instantâneo, imediatamente substituído por outro estímulo ou por outra excitação igualmente fugaz e efêmera. O acontecimento nos é dado na forma de choque, do estímulo, da sensação pura, na forma da vivência instantânea, pontual e fragmentada. A velocidade com que nos são dados os acontecimentos e a obsessão pela novidade, pelo novo, que caracteriza o mundo moderno, impedem a conexão significativa entre acontecimentos. Impedem também a memória, já que cada acontecimento é imediatamente substituído por outro que igualmente nos excita por um momento, mas sem deixar qualquer vestígio (LARROSA, 2002, p.23).

Nessa direção, ficamos cada vez mais presos a diversas condições e obrigações, assim, não nos permitimos experimentar e experienciar. Dentro da escola observamos que, frequentemente, as crianças acabam sendo condicionadas desde pequenas a não serem estimuladas a vivenciar tais experiências.

¹ Corrente artística que surgiu no final da década de 1960, onde utilizava o meio ambiente, espaços e recursos naturais para realizar suas obras. Disponível em: <https://www.ufmg.br/museumuseu/paisana/html/leituras/landart/01txt.htm>. Acesso em: 20 set. 2021.

**Land art e Educação Infantil:
Desterritorializando os espaços para além da sala de atividades***Thais Martins do nascimento**Larissa Carvalho Cirele*

Ademais, observamos que as crianças envolvidas neste estudo se interessavam muito por brincar com os materiais orgânicos encontrados nos espaços externos da sala de atividades. Assim, o que nos levou a perceber como a *land art* se tornou importante nesse aspecto foi a experiência da produção artística que se concretizou desde o momento em que as próprias crianças saíam em busca dos materiais que foram utilizados – materiais esses vindos da natureza como folhas secas, pequenos galhos, pedras, areia, entre outros elementos – até o momento final, em que foi compreendido pelas crianças que aquela produção voltou a ser parte da natureza. Logo, o que ficou foi apenas a vivência e a experiência, além de registros como fotos e vídeos que, neste caso, puderam ser realizados durante o processo.

Nessa direção, após essa introdução, trazemos alguns questionamentos que nos inquietam como: “é possível trabalhar arte contemporânea com crianças pequenas?”, “o que, como e quando ensinar arte?”, “é possível desterritorializar os espaços para além da sala de atividades?”, perguntas que tentaremos responder provisoriamente, pois elas continuarão nos incitando a pensar sobre elas.

2 Arte contemporânea com crianças pequenas: é possível?

Segundo a Base Nacional Curricular Comum – BNCC (BRASIL, 2018), no segmento da Educação Infantil, o Campo de experiências “Traços, sons, cores e formas” abre um leque considerável de possibilidades para serem desenvolvidas dentro das escolas. Segundo esse Campo de experiência,

Conviver com diferentes manifestações artísticas, culturais e científicas, locais e universais, no cotidiano da instituição escolar, possibilita às crianças, por meio de experiências diversificadas, vivenciar diversas formas de expressão e linguagens, como as artes visuais (pintura, modelagem, colagem, fotografia etc.), a música, o teatro, a dança e o audiovisual, entre outras. Com base nessas experiências, elas se expressam por várias linguagens, criando suas próprias produções artísticas ou culturais, exercitando a autoria (coletiva e individual) com sons, traços, gestos, danças, mímicas, encenações, canções, desenhos, modelagens, manipulação de diversos materiais e de recursos tecnológicos. Essas experiências contribuem para

**Land art e Educação Infantil:
Desterritorializando os espaços para além da sala de atividades**

Thais Martins do nascimento

Larissa Carvalho Cirele

que, desde muito pequenas, as crianças desenvolvam senso estético e crítico, o conhecimento de si mesmas, dos outros e da realidade que as cerca. Portanto, a Educação Infantil precisa promover a participação das crianças em tempos e espaços para a produção, manifestação e apreciação artística, de modo a favorecer o desenvolvimento da sensibilidade, da criatividade e da expressão pessoal das crianças, permitindo que se apropriem e reconfigurem, permanentemente, a cultura e potencializem suas singularidades, ao ampliar repertórios e interpretar suas experiências e vivências artísticas (BRASIL, 2018, p.39).

Porém, a realidade normalmente é diferente do que propõe o documento, pois é visível, no ambiente escolar, a existência de uma padronização no ensino, seguindo uma determinada “tendência” que se resume basicamente a pintar desenhos prontos ou brincar com massinha, sem uma proposição fundamentada na arte contemporânea por exemplo. Além disso, existe um padrão de produção com a finalidade de se obter um produto final para que a criança possa levar para casa, colar na parede da escola ou, simplesmente, arquivar nas famosas “pastinhas de atividades”.

Ostetto (2011) cita a necessidade de se trabalhar as diferentes linguagens na infância e critica algumas formas de ensino da arte, afirmando que

[...] o que temos presenciado é a simplificação e o empobrecimento da “arte” em uma versão escolarizada, encerrada no fazer e visando a um produto, colocando em ação “o mesmo para todos”, “sigam o modelo”, “é assim que se faz”. Na Educação Infantil, frequentemente, a arte mostra-se com a roupagem de um conteúdo a ser ensinado em determinados momentos ou um conjunto de técnicas e instruções para o exercício de habilidades específicas (os “trabalhinhos” e as “atividades artísticas” vão por esse caminho) (OSTETTO, 2011, p.5).

Logo, inferimos que a arte na Educação Infantil precisa fazer parte da rotina das crianças, e não só de momentos e de atividades isoladas. Torna-se premente, portanto, mobilizar o corpo e todos os sentidos, explorando as questões do olhar, da escuta, do movimento, do sentir, ou seja, observar essas ações como uma educação estética e estésica.

E foi nessa perspectiva que escolhemos como proposição a *land art* para vivenciarmos com as crianças, na intenção não de chegar a um produto final, mas de trabalhar cada intervenção, visando a explorar o corpo e as experiências sensíveis que advêm dele, bem como

***Land art e Educação Infantil:
Desterritorializando os espaços para além da sala de atividades***

Thais Martins do nascimento

Larissa Carvalho Cirele

a efemeridade da arte. A arte contemporânea na Educação Infantil não só é possível como é necessária, pois saímos do padrão tradicional e adentramos no campo múltiplo do hibridismo, ou seja, da mistura de linguagens.

3 Impressões: o que, como e quando ensinar arte

Segundo Ostetto (2011, p.4), as escolas de educação básica, incluindo a Educação Infantil, têm dificuldade “[...] em lidar com a arte e com a poética da vida que pressupõe espaço para a imaginação, a experimentação, a criação e, como parte do processo, espaço para a dúvida para o erro”. Dessa forma, é mais seguro seguir um modelo já estabelecido, que é o que traz tranquilidade e segurança para oferecer às crianças os famigerados “trabalhinhos”, impossibilitando a criação.

O ensino da arte com e para crianças pequenas ainda é um grande desafio ao observarmos as atividades que são realizadas nos Centros Municipais de Educação Infantil (CMEI). Mesmo que eles tenham uma infraestrutura adequada, com salas de arte espaçosas, área externa coberta e livre, onde muitas experiências podem ser vivenciadas com as crianças, ainda assim, as atividades transitam pelo desenho, pintura, colagem, dentre outras abordagens, que não estão erradas, mas que reafirmam um engessamento de corpos e das ações pedagógicas. Ou seja, mesmo na aula de artes, o que se espera das crianças são corpos docilizados, que devem estar sentados em suas “cadeirinhas”, sem “bagunça”.

Interessante pontuar que, nessa experiência de estágio, a professora de artes que acompanhamos utilizava os vários espaços da escola, além da sala de artes. Entretanto, a utilização dos espaços dependia de como as crianças estavam (mais tranquilas ou agitadas) e do tempo disponível para realizar cada trabalho.

**Land art e Educação Infantil:
Desterritorializando os espaços para além da sala de atividades**

Thais Martins do nascimento

Larissa Carvalho Cirele

Assim, no dia em que estavam mais tranquilas, a professora desenvolvia atividades de pintura, por exemplo, a pintura de paisagens (Imagem 1), projeto que já estava acontecendo antes da nossa inserção no CMEI.

Imagem 01. Crianças do grupo 5 realizando a pintura de paisagem.



Fonte: Imagem feita pelas autoras (2019)

Observamos que a professora fazia uma abordagem de forma bem despretensiosa, com um bate papo, e pintava junto com as crianças, pois, além de professora de artes da educação básica, ela também era artista plástica no segmento da pintura. Ela observava a forma como as crianças pintavam, dava dicas, falava de artistas.

Aqui, entendemos quando Ostetto (2011) compara as/os artistas às/aos educadoras/es quanto à forma de ver e ensinar arte, apontando como seria interessante trabalhar a arte nas escolas e ressaltando que:

A forma de conhecer dos artistas é inspiradora, pois eles veem o mundo com olhar de espanto, buscam o novo, admitem o estranho, entregam-se à vertigem do desconhecido; colocam-se em posição de escuta, de atenção às coisas, aos objetos, aos outros, cultivando o abismo da dúvida, da ambiguidade (OSTETTO, 2011, p. 4).

**Land art e Educação Infantil:
Desterritorializando os espaços para além da sala de atividades**

Thais Martins do nascimento

Larissa Carvalho Cirele

Outro aspecto interessante é que a professora sempre perguntava às crianças quais delas ainda não haviam pintado, dizendo que, se desejassem, poderiam fazê-lo. Assim, as crianças não eram pressionadas a realizar a atividade, além disso, a professora disponibilizava atividades diferentes para que elas escolhessem o que gostariam de fazer em cada momento, como trabalhar com massinha, desenhar, brincar com fantasias de teatro. Ela também dialogava com as crianças e as ouvia com cuidado, além de mediar os processos de aprendizagens durante as atividades, o que nos remete à mediação defendida por Vigotsky (1995):

Sabemos que a continuidade do desenvolvimento cultural da criança é a seguinte: primeiro, outras pessoas atuam sobre a criança; se produz então a interação da criança com seu entorno e, finalmente, é a própria criança quem atua sobre os demais e tão somente ao final começa a atuar em relação consigo mesma. Assim é como se desenvolve a linguagem, o pensamento e todos os demais processos superiores de conduta (VIGOTSKY, 1995, p.232).

Para Vigotsky (1995), o desenvolvimento cultural tem sempre um ponto de partida, que é a atuação do adulto sobre a criança e, nesse sentido, ao assumir a turma, a professora observava como as crianças estavam para executar os trabalhos. Caso estivessem muito agitadas, ela mudava de ambiente e de atividade. Assim, o dia em que as crianças estavam mais agitadas ela não ia para a sala, mas levava a turma para a área externa e realizava atividades relaxantes como a yoga (Imagem 02).

**Land art e Educação Infantil:
Desterritorializando os espaços para além da sala de atividades**

Thais Martins do nascimento

Larissa Carvalho Cirele



Fonte: Imagem feita pelas autoras (2019)

As crianças do grupo 5 realizavam muito bem as atividades propostas: desenhavam com traços e formas, nos quais, tornava-se possível compreender seus processos e desejos. Quando questionadas, falavam sobre os seus desenhos, pintavam dentro dos espaços e usavam os materiais que tinham à disposição (canetinha hidrocor, o lápis de cor e o giz de cera). Em relação à pintura, verificamos que elas conseguiam pegar no pincel e dar pinceladas nos lugares que desejavam pintar, conseguiam limpar o pincel na água e depois secar no pano para trocar a tonalidade da tinta conforme orientação da professora de artes e, o mais importante na perspectiva de muitos adultos que não compreendem o sentido de experienciar arte, “as crianças se sujavam muito pouco”.

Dessa forma, compreendemos que a liberdade de escolha das atividades, a autonomia, despertava o interesse das crianças para as aulas de artes. A partir desse tipo de ação pedagógica realizado por essa professora, tivemos algumas impressões sobre o que, como e quando ensinar arte, e isso nos instigou a fazer nossas proposições explorando os diversos ambientes do CMEI, sendo possível pensar em um plano de ensino futuro mais diversificado.

**Land art e Educação Infantil:
Desterritorializando os espaços para além da sala de atividades***Thais Martins do nascimento
Larissa Carvalho Cirele***3 Desterritorializando os espaços: para além da sala de atividades**

Para o desenvolvimento do plano de atividades intitulado “Construindo uma *Land Art*”, partimos do princípio de que seria fundamental experienciar com as crianças um tipo de expressão artística que elas não estavam acostumadas a vivenciar. Dessa forma, instigadas pelas ações cotidianas da professora, pensamos em um movimento que estivesse inserido na arte contemporânea, visto que não é uma abordagem muito comum feita pelas/os professoras/es de artes na Educação Infantil.

Observando o espaço do CMEI, percebemos o potencial existente na área externa, pois ele contava com três espaços (pátio de areia, área da castanheira — que era cimentada — e a área externa e anexa à sala de artes — uma área coberta). Isso nos inspirou a executar uma atividade ao ar livre utilizando meios oferecidos pela natureza, assim, o trabalho com a *land art* era perfeito para esse tipo de espaço. Optamos por trabalhar com o artista Robert Smithson² e sua obra *Spiral Jetty*³, de 1970, ampliando o repertório visual e imagético das crianças.

O objetivo principal da proposta pedagógica foi sensibilizar as crianças em relação à arte que pode ser realizada com os elementos da natureza e na própria natureza (*site specific*). Partindo desse objetivo, pretendíamos mostrar que obras de arte não estão limitadas somente aos espaços dos museus, por isso nossa intenção era apresentar obras de arte que utilizam diferentes materiais e espaços da natureza. Objetivávamos, nesse movimento, explicar a

² Nascido em Passaic em New Jersey, Robert Smithson (2 de janeiro de 1938 - 20 de julho de 1973) foi um artista que expandiu o que a arte poderia ser e onde ela poderia ser encontrada. Por mais de cinquenta anos, seu trabalho, escritos e ideias influenciaram artistas e pensadores, construindo o terreno a partir do qual a arte contemporânea cresceu. Disponível em: <https://holtsmithsonfoundation.org/biography-robert-smithson>. Acesso em: 28 de set de 2021.

³ Construído na boca de uma bacia de terminal rico em minerais e quase desprovido de vida, *Spiral Jetty* é um testamento para a fascinação de Smithson com entropia. Sua localização precária se presta à inevitável desintegração da estrutura, mas seu tamanho impressionante e forma deliberada comandam a paisagem circundante. Construída a partir de 6.650 toneladas de rocha e terra, a espiral muda continuamente de forma conforme a natureza, a indústria e o tempo entram em vigor. Disponível em: <https://holtsmithsonfoundation.org/spiral-jetty>. Acesso em: 28 de set de 2021.

**Land art e Educação Infantil:
Desterritorializando os espaços para além da sala de atividades**

Thais Martins do nascimento

Larissa Carvalho Cirele

importância do esboço (desenho) para a construção de uma obra ou objeto de arte e, ainda, produzir uma obra coletiva com proporção maior a que eles estavam acostumados e com materiais não estruturados. Defendemos a ideia que conhecer obras que agregam a natureza à arte e que é possível realizá-las sem agredir o meio ambiente ou poluí-lo ajuda a refletir sobre a efemeridade desse tipo de obra de arte e sobre a necessidade de se estabelecer uma nova relação entre os seres humanos e o ambiente em que vivem.

Propusemos, então, cinco intervenções. Na primeira, apresentamos para as crianças o que é a *land art* e o artista Robert Smithson (Imagem 03), com suas obras monumentais.

Imagem 03. Robert Smithson.Fonte: <http://holtsmithsonfoundation.org/>

Para a apresentação do artista e de sua obra, utilizamos um aparelho de televisão, assim, exibimos algumas fotos explicando cada uma delas e deixando que as crianças fizessem suas próprias leituras. Em seguida, perguntamos se já haviam visitado algum museu, levantando questionamentos sobre a possibilidade ou não dessa obra caber dentro de um. Discorremos sobre o tipo de material que o artista usou para construir a *Spiral Jetty* (Imagem 04), fizemos comparações de tamanho para que tivessem noção da dimensão da obra, mostrando também o artista caminhando sobre ela (Imagem 05).

Imagem 04. *Spiral Jetty*, 1970

**Land art e Educação Infantil:
Desterritorializando os espaços para além da sala de atividades**
*Thais Martins do nascimento
Larissa Carvalho Cirele*



Fonte: https://www.researchgate.net/figure/Constructing-the-Spiral-Jetty-1970-Photographs-by-Gianfranco-Gorgoni-Reprinted-with_fig2_232243460

Imagem 05. Robert Smithson na construção da Spiral Jetty.



Fonte: https://www.researchgate.net/figure/Constructing-the-Spiral-Jetty-1970-Photographs-by-Gianfranco-Gorgoni-Reprinted-with_fig2_232243460

**Land art e Educação Infantil:
Desterritorializando os espaços para além da sala de atividades**
*Thais Martins do nascimento
Larissa Carvalho Cirele*

Mostramos a foto dos desenhos que o artista fez antes de construir a *Spiral Jetty* (Imagem 06), ressaltando a importância que o desenho tem para a execução de algumas obras de arte.

Imagem 06. *Desenhos da Spiral Jetty.*



Fonte: https://www.researchgate.net/figure/Sketches-of-the-Spiral-Jetty-circa-1970-Reprinted-with-permission-C-Estate-of-Robert_fig4_232243460

Compreendemos que — no processo de aprendizagem infantil, no ato de desenhar — a criança adquire novos conhecimentos sociais, históricos e culturais, tendo em vista que, para ela, desenhar também é uma forma de brincar. Assim, ela desenvolve potencialidades intelectuais e emocionais por meio dos desenhos, dos conceitos e de valores, bem como, de sua cultura e de sua vida. O desenho permite à criança a oportunidade de se comunicar com o outro e de expressar sua concepção de mundo, logo, ele deve ser apreciado como uma narrativa, como enunciados. O desenho, segundo Vigotsky (1995), é atividade artística preferencial da criança.

Durante a segunda intervenção, acompanhadas pela professora, levamos as crianças para a área externa, que era cimentada e tinha a castanheira, e solicitamos que desenhassem, no chão e com o giz de quadro, a espiral assim como na obra de Robert Smithson, no tamanho e na quantidade que elas quisessem (Imagem 07, 08, 09 e 10). Todas as crianças fizeram conforme orientação, sem grandes dificuldades, e a maioria delas desenhou várias vezes a

**Land art e Educação Infantil:
Desterritorializando os espaços para além da sala de atividades***Thais Martins do nascimento
Larissa Carvalho Cirele*

espiral. Aproveitamos a oportunidade para refletir com elas que o desenho é um meio de conhecimento e seu uso não se limita apenas ao uso de lápis e papel, podemos desenhar com diversos materiais e em diferentes suportes.

Na infância é quando temos o primeiro contato com o desenho, pois de maneira inconsciente, as crianças riscam e rabiscam por toda parte, seja nas paredes, nos móveis, no chão, na terra, na areia, isto é, qualquer objeto se torna material para seus rabiscos, sejam eles cacos de telhas, pedra, graveto ou o próprio dedo. Desse modo, elas exploram espaços, percebem o mundo e se percebem nele.

Imagem 07. Criança desenhando a espiral no chão do pátio.



Fonte: Imagem feita pelas autoras (2019)

Imagem 08. Criança desenhando a espiral na parede do pátio.



Fonte: Imagem feita pelas autoras (2019)

**Land art e Educação Infantil:
Desterritorializando os espaços para além da sala de atividades**
*Thais Martins do nascimento
Larissa Carvalho Cirele*

Imagem 09. Crianças desenhando a espiral na parede do pátio



Fonte: Imagem feita pelas autoras (2019)

Imagem 10. Crianças desenhando a espiral no chão do pátio



Fonte: Imagem feita pelas autoras (2019)

Após nossas conversas, distribuimos massa de modelar e solicitamos que as crianças fizessem as espirais com esse material, conforme imagens 11 e 12. Assim como no desenho, as crianças não apresentaram dificuldades na execução da atividade. Aproveitamos para nos aproximar delas e fomos conversando sobre a efemeridade do movimento artístico que estávamos trabalhando e que a massa de modelar nos possibilitava criar e rapidamente desfazer, ou seja, mostramos para elas que essas obras não têm a necessidade de serem duráveis, que podem ser desmontadas posteriormente, seja pela força humana ou pela própria natureza.

**Land art e Educação Infantil:
Desterritorializando os espaços para além da sala de atividades**
*Thais Martins do nascimento
Larissa Carvalho Cirele*

Imagem 11. Crianças fazendo a espiral com a massinha.



Fonte: Imagem feita pelas autoras (2019)

Imagem 12. Criança fazendo a espiral com a massinha.



Fonte: Imagem feita pelas autoras (2019)

Posteriormente, levamos as imagens do artista e das obras impressas para que as crianças pudessem manuseá-las e fomos, gradativamente, adicionando camadas às informações e reflexões que fazíamos, explicando sobre a atividade que iríamos realizar depois. Assim, colhemos os galhos e as folhas de árvores e distribuímos entre elas para que pudessem ter o contato com os materiais a serem trabalhados.

No espaço externo e anexo à sala de artes, utilizando o giz de quadro, desenhamos uma espiral no chão e solicitamos às crianças que colocassem as folhas e os galhos no desenho (Imagens 13, 14 e 15). A forma como foram montando a espiral com esses materiais da natureza foi bem simétrica, organizada e respeitando o espaço onde o outro colega estava colocando o

**Land art e Educação Infantil:
Desterritorializando os espaços para além da sala de atividades***Thais Martins do nascimento
Larissa Carvalho Cirele*

material. Foi um exercício de cooperação e respeito com o outro. A preocupação das crianças com a simetria nos surpreendeu, inclusive, a professora de artes. O curioso dessa etapa é que as crianças realizaram o exercício com a alegria de quem estava simplesmente curtindo uma brincadeira despretensiosa. Chegaram até a imitar o artista que andou sobre a obra, no entanto, elas andaram nos espaços vazios entre as linhas preenchidas com os materiais para não estragar o que haviam construído (Imagem 16).

Nesse contexto, é possível destacar que ações pedagógicas que desterritorializam espaços e extrapolam a sala de atividades se tornam potentes para movimentar os corpos, possibilitando as experiências estéticas e estésicas, tão necessárias para um ensino contemporâneo da arte.

Imagem 13. Crianças montando a espiral.

Fonte: Imagem feita pelas autoras (2019)

Imagem 14. Crianças montando a espiral.

Fonte: Imagem feita pelas autoras (2019)

**Land art e Educação Infantil:
Desterritorializando os espaços para além da sala de atividades**
*Thais Martins do nascimento
Larissa Carvalho Cirele*

Figura 15. Crianças montando a espiral.



Fonte: Imagem feita pelas autoras (2019)

Figura 16. Crianças montando a espiral.



Fonte: Imagem feita pelas autoras (2019)

Realizamos o registro fotográfico da obra concluída (Imagem 17) e uma conversa com as crianças sobre o processo de construção. Em seguida, na sala de artes, pudemos ver os vídeos e as fotos registradas durante o processo criativo. Nesse sentido, compreendemos que conseguimos ampliar o repertório artístico-cultural das crianças e também da professora, haja vista que ela não conhecia o artista escolhido para a atividade. Assim, aos poucos, vamos rompendo com o ensino de arte tradicional e propondo linguagens e materiais contemporâneos, que possibilitam às crianças produzir e vivenciar a arte.

**Land art e Educação Infantil:
Desterritorializando os espaços para além da sala de atividades**
*Thais Martins do nascimento
Larissa Carvalho Cirele*

Imagem 17. Crianças montando a espiral.



Fonte: Imagem feita pelas autoras (2019)

4 Considerações efêmeras

127

Analisar formas de ampliar o repertório artístico cultural das crianças, estabelecendo relações entre artista e obra, rompendo com o ensino de arte tradicional e propondo linguagens e materiais contemporâneos para produzir e vivenciar a arte torna-se premente ao refletirmos sobre as ações pedagógicas realizadas na e para a Educação Infantil.

Ao tratarmos da ampliação de repertório, remetemo-nos não só ao repertório das crianças que se interessavam e manifestavam surpresa ao saberem que existem obras da magnitude da *Spiral Jetty*, mas também da professora, que estava ali, aprendendo conosco sobre o tema e o artista abordado, reafirmando assim nosso intuito de provocar conexões e relações entre artista e obra.

De acordo com Ostetto (2011, p.4), “[...] a forma como as crianças conhecem os artistas que apresentamos a elas é inspiradora, pois elas veem o mundo com espanto, buscam o novo,

**Land art e Educação Infantil:
Desterritorializando os espaços para além da sala de atividades**

Thais Martins do nascimento

Larissa Carvalho Cirele

aceitam o estranho e o desconhecido, escutam com atenção cultivando o abismo da dúvida, da ambiguidade [...]", sendo possível observar essas pontuações nos diálogos estabelecidos com elas.

Essa experiência só nos fez ter mais certeza da importância de se incluir, no processo inicial de aprendizagem das crianças, a Arte Contemporânea, trazendo novas perspectivas e uma visão diferenciada sobre os mais diversos tipos de materiais em conexão com as diversas e híbridas linguagens da arte, que possibilitam transportar tanto as crianças como nós a novas experiências a partir do contato com essas novas vertentes da Arte.

Ademais, torna-se premente salientar como essa experiência traz uma mistura de temas, pois a *Land Art* já ressignifica o que está na natureza, trazendo uma nova perspectiva sobre aquele material que, muitas vezes, não seria nem mesmo visto como material (por exemplo folhas, galhos, areia, pedras, etc). Ressaltamos que esses materiais estão presentes na vida das crianças, reforçando aspectos pontuados pela BNCC ao inferir que "[...] a Educação Infantil precisa promover experiências nas quais as crianças possam fazer observações, manipular objetos, investigar e explorar seu entorno, levantar hipóteses e consultar fontes de informação para buscar respostas às suas curiosidades e indagações" (BRASIL, 2018, p.41).

Reforçamos também a relação com o corpo, pois nossa experiência trouxe uma vivência potente, com possibilidade de diversas interpretações. As crianças puderam ter outras perspectivas e outras relações com os materiais, com o espaço e com a natureza.

Após a intervenção, a professora regente (pedagoga) da turma que trabalhamos abordou uma de nós, relatando que uma criança que tem autismo chegou à sala toda animada falando sobre a atividade que havia feito conosco. Assim, pudemos perceber que conseguimos atingir o objetivo de experienciar aspectos da arte contemporânea de forma lúdica e inclusiva, além de proporcionar uma experiência diferente do que elas estavam acostumadas a vivenciar. Nesse momento, concordamos com Larrosa (2002, p. 21), que afirma que "[...] A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece".

**Land art e Educação Infantil:
Desterritorializando os espaços para além da sala de atividades**

Thais Martins do nascimento

Larissa Carvalho Cirele

Fundamentadas em Vigotsky (1995), inferimos que a criança chega à escola com vivências e experiências de acordo com seu processo histórico cultural, e isso enriquece toda prática pedagógica, quando abrimos espaços para o diálogo com ela a partir desses contextos. Ao compreendermos a criança em um contexto contemporâneo, compreendemos que vamos rompendo com o ensino de arte tradicional, e isso nos leva a propor um diálogo com linguagens e materiais contemporâneos para produzir e vivenciar a arte, bem como a pensar em um ensino que extrapole o espaço da sala de aula. Finalizamos, assim, reafirmando a importância da arte vivenciada e experienciada para além dos espaços das salas de atividades na Educação Infantil.

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 13 de jun. 2021.

LARROSA, J. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Tradução de João Wanderley Geraldi, Unicamp, Departamento de Linguística, 2002.

OSTETTO, L. E. **Educação infantil e arte: sentidos e práticas possíveis**, 2011. Disponível em: <<https://acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/320/1/01d14t01.pdf>> Acesso em: 20 set. 2021.

VIGOTSKY, L.S. **Obras escogidas**. tomo III. Madri: Visor, 1995.